

ESCRAVIDÃO E SUBJETIVIDADE: NOTAS SOBRE O ROMANCE *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Naiara KRACHENSKI*

- **RESUMO:** Neste artigo busco entender como o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, representa uma inovadora criação artística e social no século XIX brasileiro. Discuto tal inovação a partir da própria biografia da autora e, a partir de uma abordagem historiográfica, procuro compreender como se dá o tratamento dos personagens negros e do tema da escravidão nesta obra.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Escravidão. Subjetividade. *Úrsula*.

Um mancebo jovem, bem colocado socialmente e belo. Uma moça angelical, de beleza irradiante e sofredora. Um amor puro e verdadeiro entre os dois. Um senhor de escravos arrebatado pela paixão e pela lascívia que busca com todas as suas forças acabar com aquele romance. Descrito a partir de uma narrativa simples e linear, as desventuras do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, pode nos parecer, à primeira vista, como mais uma obra oitocentista de traços românticos e sem nenhuma contribuição significativa que valha a sua leitura e, mais ainda, um estudo literário e histórico. No entanto, engana-se o leitor que se convence com uma mera sinopse mal elaborada e destituída de contextualização, pois tal sinopse furta-se de mostrar a real dimensão da força das personagens dessa história e também da ousadia da sua criadora.

Minha intenção neste ensaio é justamente esclarecer como *Úrsula* representa uma inovadora criação artística e social do século dezenove brasileiro, principalmente no que se refere à abordagem ao tema da escravidão e das personagens escravas a partir de uma ótica subjetiva e memorialista. Além disso, importa-me também deixar clara a posição assumida por Maria Firmina dos Reis, considerada por muitos estudiosos como a primeira mulher a publicar um romance em terras brasileiras, no ano de 1859.

* UFPR – Universidade Federal do Paraná – Doutoranda em História – Curitiba – PR – Brasil. UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná – Colegiado de História – União da Vitória – PR – Brasil. 80060-000 – nkrachenski@gmail.com.

Sobre a autora e sua obra

Muitas pessoas pensam, inclusive dentre doutos historiadores, que falar sobre mulheres no século XIX no Brasil é falar a partir de um ponto de vista indireto ou, no mínimo, confinado ao espaço privado e aos cuidados com os filhos. Muitos pensam que falar sobre mulheres escritoras é um desafio à própria lógica a qual estas mulheres estavam inseridas. Pensam, contudo, que, quando conseguimos o árduo objetivo de encontrar uma autora de literatura brasileira em pleno século dezenove, ela é uma privilegiada, no sentido financeiro e social que este termo implica. No entanto, tão acostumados como estamos com a definição histórica do limite da atuação das mulheres e, principalmente, com o cânone literário que impõe ao pensamento barreiras de classe, raça e gênero nos é surpreendente a trajetória e as realizações de uma mulher maranhense, filha de escravos e pobre que desafia muitos lugares comuns históricos e literários aos quais estamos, em certa medida, habituados.

Maria Firmina dos Reis nasceu no ano de 1822, na cidade de São Luís, capital da então província do Maranhão. Nascida negra sob o signo da bastardia, Maria Firmina afirmava que devia seu letramento e conhecimento cultural a seu primo materno, o escritor Sotero dos Reis. Em 1830, mudou-se junto com sua família para a vila de Guimarães, município de Viamão, cidade em que viveu até sua morte. Aos 22 anos, no ano de 1847, disputou o Concurso Estadual para a Cadeira de Instrução Primária na vila de Guimarães, sendo aprovada em primeiro lugar. Já exercendo a profissão de professora, Maria Firmina publicou *Úrsula*, seu primeiro romance, em 1859. A partir dessa data, e até o fim de sua vida, a autora colaborou com vários jornais da região, tais como *A Imprensa*, *Publicador Maranhense*, *O Jardim dos Maranhenses*, *A Verdadeira Marmota*, *Porto Livre*, *Semanário Maranhense*, *Almanaque de Lembranças Brasileiras*, *O Domingo*, *O País*, etc. Foi nesses periódicos, literários ou não, que Maria Firmina publicou a maior parte de seus poemas e contos, dos quais o mais conhecido é “A Escrava”, publicado em 1887 (SILVA, 2009).

Em 1880, Maria Firmina fundou a primeira escola para crianças de ambos os sexos no Brasil. Segundo Raimundo de Meneses, esta escola mista chocou a comunidade local e a escola representava não só uma revolução educacional, mas também uma revolução social. Segundo Zahidé Muzart, o próprio fato de Maria Firmina ter fundado a primeira escola mista do país já denuncia suas ideias avançadas para o período quando levamos em conta o tipo de educação que as meninas recebiam naquele tempo: leitura voltada quase que exclusivamente para fins religiosos, aulas de piano e bordado e, para algumas, o aprendizado do francês (MUZART, 2013, p. 249). Em 1881 Maria Firmino se aposentou do ensino público, mas não deixou de lecionar, trabalhando principalmente com filhos de lavradores e fazendeiros. Em 1888 compôs o Hino da Libertação dos Escravos no Maranhão.

Faleceu no ano de 1917, aos 92 anos de idade, sem nenhum reconhecimento de suas obras.

Foi somente na década de 1970 que seu primeiro romance, *Úrsula*, foi republicado por José Nascimento Morais Filho. No ano de 1975, em comemoração ao sesquicentenário do nascimento da autora, inauguraram-se em São Luís uma rua e um colégio que levam seu nome, bem como um busto de bronze na Praça do Pantheon. No ano 2000, Maria Firmina foi recuperada por Zahidé Muzart na obra *Antologia de Escritoras Brasileiras do século XIX*. No entanto, mesmo com estes reconhecimentos e esforços póstumos, Maria Firmina continuou em um ostracismo por parte dos leitores e também dos estudiosos da literatura brasileira.

Úrsula narra uma história de amor entre o mancebo Tancredo e a donzela Úrsula, filha de Luíza B. O enredo inicia-se com o jovem Tancredo viajando sem rumo e com decidida tristeza por causa de um amor não correspondido. Perdido nas suas amarguras de vida, Tancredo cai de seu cavalo e fere-se gravemente. Conhecemos nesse momento um dos personagens-chave para a história, o jovem Túlio, escravo de Luíza B., homem virtuoso e compassivo, que salva Tancredo de seu fatal acidente. Túlio leva o mancebo para a residência de Luíza B., mulher doente e parálitica que necessita de constantes cuidados de sua filha. Com a chegada de Tancredo a casa, Úrsula divide-se em cuidados com sua mãe e o cavaleiro, por quem começa a sentir um amor verdadeiro e puro.

Ao recuperar-se, Tancredo alforria o jovem escravo que o salvou e apaixona-se também ele por Úrsula. O amor que nasce entre os dois jovens é um amor idealizado e quase platônico, um amor em que prevalece a pureza da alma e não a satisfação da carne (ABREU, 2013, p. 118). Este inocente amor é colocado em xeque pelo Comendador Fernando P., irmão de Luíza B. No momento em que Tancredo e Túlio encontram-se fora da casa de Luíza B., Úrsula vai à floresta sonhar com seu futuro de fortuna e amor. É nesta cena que Fernando P. encontra a donzela e, num único olhar, apaixona-se perdidamente pela moça. O comendador, ao matar um pássaro que mancha de sangue o áureo vestido de Úrsula, torna-se o obstáculo que o amor casto entre os dois jovens deve superar. Com a rejeição de Úrsula às suas confissões de paixão desenfreada, Fernando P. jura que ela será sua, custe o que custar. Passados alguns dias do fatídico episódio, Fernando vai ao encontro de Luíza B. solicitar-lhe a mão de sua filha. Assustada com um possível casamento entre sua filha e o homem que matara seu marido, Luíza B. suplica a Úrsula que fuja do comendador e encontre Tancredo.

Neste entremeio da narrativa, a pobre e fraca mãe da moça falece, acabando por exasperar o sofrimento de Úrsula. Ao retornar à casa de Luíza B., Tancredo e Túlio são avisados do ocorrido por Suzana, uma velha escrava que fará de tudo para resguardar este amor, e correm ao resgate de Úrsula. Os três dirigem-se para um convento onde Tancredo e Úrsula casam-se em segredo. Neste ínterim, Fernando executa sua vingança: pune Suzana pela falta de informações, prende Túlio e,

finalmente, mata Tancredo. Pensando que desta forma estava livre para ter Úrsula como sua esposa, o comendador a encontra num estado de loucura pela morte de seu amado. É nesse estado que Úrsula vive seus últimos dias. Fernando P., como tentativa de redenção por uma vida de ódio e violência, isola-se num retiro religioso sem, contudo, conseguir a paz de espírito por tantos assassinatos.

Como vemos, de forma geral, o enredo é bastante romântico, de inspiração em um passado imemorial e de aspecto medieval. Os temas que predominam são o do amor e da morte. As personagens principais também pertencem ao imaginário romântico: são jovens, belas e brancas. Contudo, a força de subversão da lógica romântica nesta obra de Maria Firmina, se dá em dois momentos: em primeiro lugar, no fatídico e infeliz desfecho, com a loucura e subsequente morte de Úrsula, contrastando com os esperados “finais felizes” dos romances escritos “para o gosto feminino”; em segundo lugar e como tema privilegiado da análise deste trabalho, na força dos personagens secundários, os escravos Túlio, Suzana e Antero, que exprimem uma denúncia à instituição escravocrata em um período em que esta era ainda vigente.

Escravidão e Abolicionismo

Muito embora como uma prática desde os tempos coloniais, a escravidão no Brasil passou a ser um tema para o fazer literário somente no segundo quartel do século dezenove, aparecendo nas obras de escritores como Gonçalves Dias, Trajano Galvão de Carvalho, Celso Magalhães, Sousândrade e Odorico Mendes (MENDES, 2011, p. 78). De maneira geral, o aparecimento do tema da escravidão neste período está entrelaçado com a campanha abolicionista cada vez mais crescente nos círculos intelectuais, políticos e sociais daquele momento. Entretanto, ainda que este processo abolicionista tenha tido uma real importância para a definitiva falência do sistema escravagista, acredito ser importante pontuar aqui algumas características desse mesmo processo para colocar esta questão sob uma outra perspectiva: é inegável que a campanha abolicionista no Brasil foi pensada e levada a cabo por abolicionistas homens, em sua maioria brancos, filhos da elite escravocrata e que se formavam majoritariamente no exterior (SILVA, 2009, p. 7).

O romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, é, dessa maneira, inovador não só pelo fato de ter sido escrito por uma mulher, a primeira a trabalhar com este tema, mas também porque marca uma importante diferença discursiva que opõe-se profundamente ao abolicionismo hegemônico na literatura brasileira até então. A autora demonstra, nessa obra, uma solidariedade para com o escravo que é absolutamente nova, na medida em que nasce de uma perspectiva diferente, através da qual Maria Firmina, descendente ela própria da escravidão, expressa o seu pertencimento a este universo social (ANDRETA; ALÓS, 2013, p.196). Segundo

o antropólogo Arthur Ramos, o discurso abolicionista na literatura de brancos escrevendo sobre negros, inclusive, chegava a criar um outro tipo de discurso de inferiorização do negro:

A Cabana do Pai Tomás de Harriet Beecher Stowe, ou toda a poesia libertária de um Castro Alves apenas despertaram um vago sentimento de piedade para uma raça, que uma falsa lógica considerou inferior. [...] Por isso, esses poemas de piedade “branca” não são dramas negros, e sim negróides. Corresponde, em sentido, à imensa choradeira indianista sem significação humana. Esse ciclo “negróide” é a expressão de um romantismo de mistificação, ocultando as verdadeiras faces do problema sob as capas de um sentimentalismo doentio. (RAMOS apud MENDES, 2011, p. 81).

Conforme afirmou Achille Mbembe, a categoria de raça “permite que se representem as humanidades não europeias como se fossem um ser menor, o reflexo pobre do homem ideal de quem estavam separadas por um intervalo de tempo intransponível, uma diferença praticamente insuperável” (MBEMBE, 2014, p. 39). No romance em questão, diferentemente de uma possível condescendência branca, os escravos negros são tratados a partir de uma ótica individualizante, que os humaniza enquanto sujeitos literários e também históricos.

É nesse sentido que a autora abre espaços, durante a narrativa, para comentar o sofrimento dos cativos, a partir de uma perspectiva que dá visibilidade aos sentimentos daqueles seres humanos até então pensados e representados literariamente como objetos passivos e desprovidos de emoções. É assim que a narradora nos apresenta Túlio, o escravo de bom coração que salva Tancredo da queda de seu cavalo:

O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão [...]. Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos! Oh esperança! Só a tem os desgraçados no refúgio que a todos oferece sepultura! Gozos... só na eternidade os anteveem eles! Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor! (REIS, 1988, p. 25).

Maria Firmina não só condena a “odiosa cadeia da escravidão”, como também traz à tona a realidade de dores e humilhações que o cativo deve suportar durante sua vida sem, contudo, falar sobre isso a partir de uma perspectiva sem referências ao longo do livro. Pelo contrário, todos os comentários sobre esta questão dizem respeito a algum personagem em particular, sobre suas experiências, sobre os seus sentimentos.

Porém, não só os desgostos imateriais de perda da liberdade devem os cativos enfrentar. A narradora deixa bastante explícito também os sofrimentos físicos de abusos e violências constantes aos quais os escravos são submetidos:

Não há descanso para seu corpo, nem tranquilidade para seu espírito desvairado pelo terror de tantos e tão contínuos sofrimentos! (REIS, 1988, p. 114).

É Mbembe quem afirma que pensar a categoria de raça é estar a produzir o negro constantemente. Produzi-lo subjetiva e discursivamente, ao longo do tempo, incessantemente. Além disso, produzir o negro é “produzir um vínculo social de submissão e um corpo de exploração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor” (MBEMBE, 2014, p. 40).

Este “corpo exposto à vontade do senhor”, que é o corpo do escravo, percebeu-o também Maria Firmina:

Os míseros escravos gemeram de ódio e de dor; mas nem mais leve exprobração, nem um sinal de justa indignação, se lhes pintou no rosto. Eram escravos, estavam sujeitos aos caprichos de seu bárbaro senhor. (REIS, 1988, p. 124-125).

E é justamente deste corpo que fala também Frantz Fanon. É deste corpo do negro “acostumado” à submissão, “escravo da sua inferioridade”, e do corpo do branco, “escravo da sua superioridade”, que Fanon traça a situação neurótica de relação entre ambos (FANON, 2008, p. 66). Maria Firmina dos Reis também descreve esta posição servil do escravo como algo quase latente que sua condição lhe impõe, novamente a falar de Túlio com Tancredo:

– Senhor! – balbuciou o negro – vosso estado... Eu – continuou com acabrunhamento, que a escravidão gerava – suposto nenhum serviço vos possa prestar, todavia quisera poder ser-vos útil! Perdoai-me!

- Eu? – atalhou o cavaleiro com efusão de reconhecimento – eu perdoar-te! Pudera todos os corações assemelharem-se ao teu.

[...]

Entretanto o pobre negro, fiel ao humilde hábito do escravo, com os braços cruzados sobre o peito, descaía agora a vista para a terra, aguardando tímido uma nova interrogação. (REIS, 1988, p. 26).

As denúncias feitas à escravidão apresentadas em *Úrsula* não são, como vimos, uma mera condenação moral, uma vez que se fundam nas experiências vividas pelas personagens. Dessa forma, segundo José António de Abreu, tais denúncias são muito mais impactantes, pois apresentam um sujeito de enunciação consciente do seu papel

social, seja na voz das personagens escravas, seja na voz da narradora, um sujeito de enunciação que opta pela afronta, a partir da literatura, a uma sociedade que impedia e restringia o direito às liberdades (ABREU, 2013, p. 120).

Memória e Subjetividade

Afirmo na seção anterior que as personagens escravas em *Úrsula* são tratadas como sujeitos literários e históricos autônomos, com sua própria história e experiências vividas. Esta posição de sujeito que Maria Firmina impõe a suas personagens cativas não se dá somente pela esfera da denúncia dos sofrimentos a que foram submetidos, mas também e principalmente pelo domínio da memória. É a partir de lembranças da terra natal que Suzana, Antero e Túlio – a partir de lembranças de sua mãe – tecem suas histórias de vida e suas perspectivas individuais para lidar com o presente.

A personagem da escrava Suzana – que havia criado Túlio, que auxilia a fuga de Tancredo e Úrsula e que é punida por Fernando P. – é, talvez, quem traz com maior vivacidade as lembranças de sua vida na África, quando gozava da liberdade e do prazer em estar junto com sua família:

Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! [...] Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas. (REIS, 1988, p.81).

É também através das memórias de Suzana que Maria Firmina inverte o discurso de que os africanos são bárbaros e selvagens para expor a barbárie que os homens brancos cometeram naquele continente. Suzana afirma que foram os “bárbaros” que a obrigaram a deixar seu marido e sua filha e tiraram-na a liberdade. Em um momento bastante impactante da narrativa, Suzana nos conta como foi seu processo de captura:

E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. (REIS, 1988, p. 82).

Esta imagem de memória criada pela narrativa de Suzana é importante de ser sublinhada aqui, uma vez que ela explicita a frieza e a crueldade da captura dos escravos, deixando transparecer como tal processo se assemelhava à captura

de animais, de meros objetos “disponíveis” para serem usados como mão de obra forçada e gratuita. Também para pensar esta situação podemos evocar Mbembe quando ele afirma que “o mundo do tráfico de escravos é idêntico ao mundo da caça, da captura, da colheita, da compra e venda. É o mundo da extração bruta” (MBEMBE, 2014, p. 234).

Outro ponto alto da narrativa de Suzana é sua descrição da viagem para o Brasil a bordo de um navio negreiro, de suas condições precárias e de tratamentos violentos: “Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas.” (REIS, 1988, p. 83).

Importante sublinhar também que a denúncia apresentada pela autora ao navio negreiro foi feita dez anos antes do famoso poema de Castro Alves, “O Navio Negreiro”, publicado somente em 1869.

Suzana é, dessa forma, a personagem responsável por enriquecer a narrativa com sua perspectiva memorialística, atestando seu lugar de sujeito histórico, além de ser responsável por transmitir essas memórias e sua própria história ao jovem Túlio que, já tendo nascido no cativeiro, não possuía recordações diretas de uma vida liberta.

Importante lembrar também as características que Maria Firmina salienta da história de Suzana. Diferentemente de narrativas mais tradicionais, nas quais a mulher negra é geralmente apresentada pelo seu aspecto de sedução e como objeto puramente sexual, disponível ao desejo do homem branco, Suzana é descrita como uma mulher que carrega dor e sofrimento, que lamenta a perda de sua liberdade, do amor do marido e da filha, mas que não se entrega aos caprichos de seu senhor.

Outra personagem que se vale das lembranças de sua vida na África é Antero, escravo que guardava a casa de Fernando P. A imagem de Antero é a de um negro velho, combalido não só pelas amarguras da escravidão, mas também pelo seu vício em álcool. As memórias que Antero carrega de sua terra são, inclusive, vinculadas às festividades regadas a vinho de palmeira que, segundo ele, seria “mil vezes melhor que a cachaça” (REIS, 1988, p. 143). Importa notar também que a narradora não faz do vício de Antero em bebidas alcoólicas um elemento que caracteriza a fraqueza de corpo e de espírito ou de degeneração da raça negra – conforme fizeram vários agentes coloniais à época da escravidão e, posteriormente, do imperialismo (CAPELA, 1973). A afeição pela bebida é possível de ser entendida para o caso de Antero como uma tentativa de fuga da realidade enfrentada por ele dia após dia, trabalhando com os prisioneiros do comendador e ouvindo suas súplicas.

Estes recursos de uso da memória das personagens escravizadas sobre suas vidas em África e suas experiências com a liberdade e também com o cativeiro são importantes de serem evocadas não só pelo fato de concederem a estes personagens um lugar de sujeito na história e na narrativa literária, conforme já afirmamos.

Estas lembranças evocadas pelas personagens de Maria Firmina nos fazem pensar sobre a oralidade das histórias de escravos que existiam no próprio círculo social ao qual a autora pertencia. Descendente ela mesma da “cadeia odiosa da escravidão”, Maria Firmina com certeza teve contatos diretos com pessoas escravizadas que compartilhavam as lembranças de suas terras natais e das experiências no cativeiro, bem como tais histórias deveriam circular como narrativas orais passadas entre as gerações.

É dessa forma, portanto, que a autora constrói uma história com personagens que se afastam de um padrão de representação do negro na história da literatura, uma história marcada pela repetição de estereótipos que variam desde figuras que se assemelhavam a bestas e que serviam somente para o trabalho pesado, ao selvagem em quem não se pode confiar, até o servo fiel que devota grande amor ao seu dono ou a uma figura do mais puro exotismo e de alteridade absoluta (REBASSA apud MENDES, 2011, p. 79). Em *Úrsula*, os personagens escravos ultrapassam este ponto de vista usual e transgridem as fronteiras de subjetivação do negro a partir da escrita literária.

Considerações Finais

Conforme afirmei ao longo deste texto, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, é um marco na história da literatura brasileira por ter sido um dos primeiros romances de autoria feminina e por trazer uma narrativa sobre a escravidão que desviava do padrão daquele período. No entanto, se ainda hoje esta obra é desconhecida pelo grande público e também entre estudantes e professores do meio acadêmico, tal silêncio pode ser explicado justamente por estes elementos que o fazem único e inovador.

Em primeiro lugar, temos que considerar o fato de o livro ter sido publicado na província do Maranhão, ou seja, distante do centro cultural do Império, da então capital, Rio de Janeiro. É inegável que este aspecto de pouca distribuição e circulação entre os críticos mais famosos do país é um fator que explica em boa medida o desconhecimento e o esquecimento da obra e de sua autora. Porém não é o único. Temos que considerar também a formação do campo literário neste período. De maneira geral, só era permitida a prática da escrita para homens. E homens brancos. No segundo quartel do século dezenove, ainda consideramos como transgressor das amarras sociais o homem negro que escrevia literatura no Brasil. Quando estamos a falar de um romance de autoria feminina, o poder de silenciamento imposto pelas estruturas sociais e culturais é muito mais forte e sentido de forma muito mais direta.

Dessa maneira, ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói não só uma história literária etnocêntrica e masculina, como também coloca em xeque os cânones de tal literatura que valoriza em grande medida a escrita feita por homens

brancos, entendidos como os sujeitos “universais”, portadores de uma neutralidade absoluta em relação àquilo que escrevem.

E é justamente por causa da ousadia transgressora desta autora que o romance *Úrsula* se apresenta como um marco fundamental não só para a história da literatura brasileira, mas também para a própria história do imaginário brasileiro, na medida em que questiona e busca desconstruir uma imagem negativa do negro escravizado, baseada na indolência, na luxúria, na ausência de sentimentos e na bestialização de tais sujeitos.

KRACHENSKI, N. Slavery and Subjectivity: notes about *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis. **Itinerários**, Araraquara, n. 46, p.51-61, jan./jun. 2018.

■ **ABSTRACT:** *In this article I aim to understand how the romance *Úrsula*, written by Maria Firmina dos Reis represents a new kind of artistic and social creation in the XIXth century in Brazil. I discuss such innovation from the author's biography and from a historiographical approach I aim to comprehend how the treatment is given in this book to the Black characters and to the theme of slavery.*

■ **KEYWORDS:** *Slavery. Subjectivity. *Úrsula*.*

REFERÊNCIAS

ABREU, J. A. C. D. de. **Os abolicionismos na prosa brasileira:** de Maria Firmino dos Reis a Machado de Assis. Tese de Doutorado (Letras), Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

ANDRETA, B. L.; ALÓS, A. P. A voz e a memória dos escravos: *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 18, n. 2, p. 194-200, jul./dez. 2013.

CAPELA, J. **O vinho para o preto:** notas e textos sobre a exportação do vinho para África. Porto: Afrontamento, 1973.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Antígona, 2014.

MENDES, A. de M. O discurso antiescravagista em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. **Revista Cerrados** (Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB), v. 20, n. 31, p. 75-92, 2011.

MUZART, Z. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 247-260, 2013.

OLIVEIRA, A. B. de. **Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Dissertação de Mestrado (Letras), Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

REIS, M. F. dos. **Úrsula**: um romance original brasileiro/ por uma maranhense. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988.

SILVA, R. A. da. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza: 2009, p. 1-10.

